

INDÚSTRIA CULTURAL E TELEVISÃO

OLIVEIRA, Kaithy das Chagas¹; RESENDE, Anita C. Azevedo²

Palavras-chave: Televisão; Indústria Cultural; Racionalidade Instrumental.

1. INTRODUÇÃO

A intrincada trama de relações que constituem tanto o indivíduo quanto a sociedade na modernidade remete à questionamentos fundamentais acerca dos atuais processos de socialização, que não só realizam a inserção do homem na história, como também o faz cada vez mais adaptado aos princípios da produção e reprodução capitalista. Está em causa um processo de semiformação que obstaculariza as possibilidades de resistência e/ou contestação de uma realidade contraditória que apresenta-se aos indivíduos como pura afirmatividade, mediante uma naturalização das contradições da realidade, que se institui de maneira sem precedentes na história. A realidade, portanto, se faz como mera confirmação e aderência, mediada por mecanismos cada vez mais sofisticados de alienação e controle, que alcançam espaços cada vez mais abrangentes da vida dos indivíduos. Dentre as várias instâncias que realizam esse processo a indústria cultural deve ser destacada como fundamental. Ela contribui decisivamente para estender os fundamentos da produção e reprodução capitalista às esferas, objetivas e subjetivas, mais restritos e privados da vida dos indivíduos. Para alcançar tão significativo feito a Indústria Cultural se articula de maneira ampla e quase irrestrita, perseguindo sempre o objetivo de eliminar a maior parte dos espaços existentes que ainda permita ao indivíduo perceber a falsidade real desse mundo, de modo que lhe reste somente a confirmação reiterada. Compondo o seu aparato mediador a televisão evidencia-se como um veículo de grande relevância para cumprimento desses objetivos da indústria da cultura.

2. METODOLOGIA

O procedimento metodológico desse trabalho situa-se na modalidade de pesquisa bibliográfica e busca investigar a relação estabelecida entre indústria cultural, televisão, semiformação e racionalidade, a partir das pesquisas realizadas sobre essas temáticas, especialmente dos representantes daquela que se convencionou chamar da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt.

3. DISCUSSÃO

Esse novo mundo que emerge com a modernidade se desenvolve na esteira da universalização da forma mercantil, própria da vida urbana-industrial. Um aspecto fundante que, aos poucos, pôde se instalar em quase toda a complexidade das relações humanas, em um processo que ainda hoje se mantém e se torna cada vez mais abrangente. Tal processo foi desencadeado em simultaneidade ao desenvolvimento de um sistema que gradativamente lançou-se na amplitude dos espaços objetivos e subjetivos, em suas mais variadas esferas, lavrando na história um outro tipo de socialização, que se diferencia radicalmente de todas as outras

particularidades da história, na qual o desenvolvimento dos domínios do capitalismo torna-se o princípio fundamental para o estabelecimento de todas as relações. Toda essa trama que se articula para modificar e/ou consolidar tanto o indivíduo como a sociedade necessitou estabelecer, também, uma mudança nos seus processos de socialização, que são os responsáveis pelo efetivo estabelecimento de qualquer modo de produção e reprodução da vida, em qualquer particularidade histórica. Nesse sentido, as diferentes esferas que instituem a sociabilidade, como a família, a igreja, os movimentos sociais, os grupos, a escola, as organizações, a indústria cultural, entre outros não foram poupadas da mesma lógica constituída e constituinte do sistema capitalista a qual fazem parte. A universalização da forma mercantil e de seu procedimento racional tem propiciado e garantido a manutenção e desenvolvimento do projeto burguês de sociedade. A principal implicação desse processo é a gradativa adaptação dos indivíduos à realidade a qual pertencem, o que proporciona a aderência, incontestável e acrítica, aos princípios ideológicos fundantes dessa sociedade, que se edifica mediante a reposição da promessa do alcance universal da “felicidade”, da “liberdade”, da “igualdade de oportunidades”, enfim, em concepções que se vinculam, ao mesmo tempo, às noções de progresso econômico, científico e tecnológico; à imediata satisfação de carências e necessidades, sejam elas materiais ou imateriais; à ilimitada liberdade individual; ao fim da dor e das frustrações; entre outras. Promessas permanentes que se mostram frágeis e inexecutáveis por múltiplos motivos, dentre os quais se destacam a sua reiterada negação e obstacularização exatamente por aquele que a promete, o espírito capitalista; bem como os limites impostos pela própria civilização. As promessas permanecem e é da reposição frenética dessa promessa que o capitalismo tira sua força para continuar o seu desenvolvimento. Em outras palavras, a promessa se mantém, exclusivamente como formalidade embora jamais seja realizada em sua plenitude, uma vez que essa possibilidade está bloqueada pelos limites da própria civilização. Manter acesa essa falsa esperança contribui decisivamente na constituição de mecanismos de alienação e controle, individuais e sociais, capazes de alcançar quase todas as dimensões da vida. É no cumprimento desse programa que a *indústria cultural* pode ser inserida, uma vez que se constitui em um amplo e organizado esquema que desenvolve sofisticadas formas de adaptação dos indivíduos. Para tanto, penetra profundamente em quase todos os espaços, objetivos e subjetivos, nos quais houve um dia lacunas a se preencher com preceitos do modo de vida industrial, o “louvor do ritmo de aço” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 113). Sendo assim, a idéia de que existiriam espaços nos quais o indivíduo poderia se aproximar da universalidade e autonomia, elementos tão caros à realização do sujeito individuado, são gradativamente minados por um processo que ameaça quase todas as possibilidades de afrontamento e distanciamento crítico da realidade imediata. Tudo isso expressa um peculiar cerceamento das possibilidades de resistência. E nisso a indústria cultural contribui decisivamente, se esforçando em impedir que haja a “formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente” (ADORNO, 1977, p. 295), o que implica a conservação do *status quo* dessa sociedade, que se serve da heteronomia dos indivíduos em suas débeis consciências tuteladas (ADORNO, 2000, p. 169). Todo esse aparato é mantido pela falsa compreensão de uma realidade que não se dá a conhecer pela aparência, face aos seus complexos processos de obscurecimento que não só procura apagar a história, forjando a “expropriação” do homem de sua objetividade; como também impede a sua real compreensão, o que implica maior distanciamento da

possibilidade de superação do modo de vida capitalista. Nesse sentido, o mundo parece ser dotado de um funcionamento próprio e mecânico, de origens naturais e naturalizantes, que esconde a real dinâmica de uma realidade que só se constitui pela ação do homem, em sucessivas objetivações e subjetivações. Nas palavras de Adorno (1986): “O que se apresenta ao sujeito como inalterável se fetichiza, se torna impenetrável e incompreendido”. Assim, grande parte das resistências foram exterminadas por um arsenal mascarado de alívio e descontração, cuidadosamente elaborado em sua funcionalidade prática. Trata-se da produção em massa de produtos e equipamentos encadeados pelas possibilidades advindas da revolução científico-tecnológica, que trouxe ao contato dos vários estratos sociais um montante inesgotável de inventos que facilitam a vida, que preenchem o moderno “tempo livre” e que criam novas necessidades de consumo. A indústria cultural é fundamental na consolidação desse processo, determinando em grande medida a formação de um novo homem que aceitou (e continua aceitando), geralmente sem questionamentos, a “importância” dessas novas e novíssimas facilidades, agora vistas como necessidades, que intricadamente trazem junto de si a realização dos planos fundamentais do modo de vida mercantil. A exemplo disso, os núcleos privados (habitação dos indivíduos), como a maioria dos espaços sociais desse mundo, foram se constituindo a partir de uma aderência ampla a esse projeto que permite, sem hesitação, uma invasão irrestrita da indústria cultural e de todo o aparato que ela representa. Emblema significativo dessa invasão permitida é o atual prestígio alcançado pela televisão, um meio de comunicação de massa que é difusor dinâmico e complexo dessa lógica. Ela entrega em domicílio o pacote de informações e entretenimento que conduz ao cumprimento do programa socializador que sua própria produção representa. A TV arrasta multidões de telespectadores ao seu convívio ao dar-lhes a falsa possibilidade de terem em suas próprias casas uma “janela para o mundo” que além de divulgar fatos e ficções (compreendidos corriqueiramente como “verdades”), auxilia em um modelo peculiar de educação (semiformação) que essencialmente adapta e conforma o indivíduo ao mundo que os consideram apenas pelo potencial econômico, ou seja, como “clientes e empregados” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 137). Assim, a televisão “(...) permite aproximar-se da meta, que é ter de novo a totalidade do mundo sensível em uma imagem que alcança todos os órgãos, o sonho sem sonho; ao mesmo tempo, permite introduzir furtivamente na duplicata do mundo aquilo que se considera adequado ao real. Preenche-se a lacuna que ainda restava para a existência privada antes da indústria cultural, enquanto esta não dominava a dimensão visível em todos os seus pontos. (ADORNO, 1977, p. 346)”. As imagens e sons veiculados por essa mídia misturam fragmentos sem nexos da realidade com uma ficção cheia de pretensões ditatoriais que divulga o estereótipo como modelo a ser seguido, tudo isso administrado pelo partidário interesse da indústria cultural. A televisão contribui para despertar nos telespectadores a clara sensação de um acesso cada vez mais farto de fatos cotidianos do mundo inteiro, que em verdade são estilhaços desconexos e ahistóricos que pouco têm a ver com a real dinâmica desse mundo. Todavia, essa avalanche de dados permite ao indivíduo o alcance do almejado status do “bem informado” que, grosso modo, se realiza à partir da limitação racional do semiformado. Entendendo o caráter recíproco da constituição da televisão, em relação à sociedade e aos indivíduos, é possível afirmar que sua gradativa inserção nos núcleos privados amplia o alcance semiformativo promovido pela indústria cultural, operando quase exclusivamente, já na sua produção, como procedimento que garante a continuidade e confirmação da lógica instrumental que é, ao mesmo

tempo, produto e produtora dessa realidade. Com base nesses aspectos Adorno (1986) afirma: “A adaptação não ultrapassa a sociedade, que se mantém cegamente restrita. A conformação às relações se debate com as fronteiras do poder. Todavia, na vontade de se organizar essas relações de uma maneira digna de seres humanos, sobrevive o poder como princípio que se utiliza da conciliação. Desse modo, a adaptação se reinstala e o próprio espírito de se converte em fetiche, em superioridade do meio organizado universal sobre todo fim racional e no brilho da falsa racionalidade vazia. Ergue-se uma redoma de cristal que, por se desconhecer, julga-se liberdade. E essa consciência falsa se amalgama por si mesma à igualmente falsa e soberba atividade do espírito”. Esse procedimento racional que se apresenta na contemporaneidade como hegemônico e dominador refere-se à razão que se instrumentaliza e se serve da afirmatividade necessária desse mundo para se consolidar como o elemento comum que perpassa todas as esferas da vida moderna. Desse modo, a indústria cultural, sob o emblema da televisão, representa um dentre vários espaços em que a razão instrumental ocupa a função contraditória de conformação das mentes e no qual o objetivo fundamental torna-se a reiterada possibilidade de “manter e salvaguardar as condições gerais sob as quais a indústria pode florescer” (HORKHEIMER, 2000, p. 48). Uma vez que “ser racional significar não ser refratário, o que por sua vez conduz ao conformismo com a realidade tal como ela é” (IDEM, p. 19). Compreender as determinações que tornam possíveis essa realidade opaca, e em contínua produção e reprodução capitalista, é o cerne dessa proposta de trabalho. Para alcançar tal objetivo busca-se investigar a televisão em sua inserção, em massa, no núcleo privado da vida social buscando compreender os nexos constitutivos que permitem esse meio de comunicação se firmar como importante elemento de (con)formação do indivíduo moderno.

4. RESULTADOS E CONCLUSÕES

A discussão dessa temática refere-se à ampliação das possibilidades de compreender os espaços educativos e socializadores na sociedade moderna para além do universo educativo sistematizado na escola. Compreender os processos educativos e formativos, ou semi-formativos, que se ampliam para além da escola é tarefa da educação que se pretende emancipação e busca enfrentar os desafios postos pela complexa realidade contemporânea.

5. BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Teodor W. *A indústria cultural*. In: COHN, Gabriel (Org). Comunicação e indústria cultural: leituras de análise dos meios de comunicação... São Paulo: Nacional, 1977.

_____. *Educação e Emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. *Teoria da Semicultura*. In: Educação & Sociedade. Nr. 56, Ano XVII, Dezembro. Campinas, SP: Cedes, 1996. (pág. 388-411)

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Foriatti. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

HORKHEIMER, Max e ADORNO, Teodor W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Agência financiadora: CAPES e CNPq

¹ Pós-graduanda do Programa de Mestrado em Educação Brasileira, kaithyoliveira@yahoo.com.br

² Orientadora / Programa de Pós-Graduação em Educação / UFG, aazeres@uol.com.br